



Um escrito polêmico de Arnaldo de Vilanova (1242-1311)
Un escrito polémico de Arnaldo de Vilanova (1242-1311)
A controversial written by Arnaldus de Villa Nova (1242-1311)

Noeli Dutra ROSSATTO¹

Resumen: Presento al lector la traducción del texto *De gladius ingulans thomatistas* (*La espada que degüella a los tomatistas*) del filósofo, médico y alquimista catalán Arnaldo de Vilanova (1242-1311). El texto enseña la tensión entre las ideas de los franciscanos espirituales de finales del medievo, normalmente filiados al pensamiento del abad calabrés Joaquín de Fiore (s. XII), y la escolástica de los dominicos. Del contacto de Arnaldo de Vilanova con la corte aragonesa, tenemos la vinculación entre tres temas importantes para los estudios actuales de la presencia de las ideas políticas medievales en latino-américa colonial: las Fiestas del Imperio del Divino de tradición luso-brasileña, los franciscanos y los joaquinistas. En términos de contenido, el texto traducido hace un resumen de los principales tópicos tratados en las obras del filósofo catalán, entre ellos destacan: la interpretación figurada de la escritura y su aplicación a la lectura de la historia, la pobreza evangélica en la discusión franciscana del uso pobre (*usus pauper*) y las profecías bíblicas sobre el fin de los tiempos y la venida del Anticristo.

Palabras-clave: Arnaldo de Vilanova – Franciscanos – Corona de Aragón – Joaquín de Fiore – Edad Media.

Abstract: I present to the reader the translation of the text *De gladius ingulans thomatistas* (The sword that slaughters the *thomatists*) of the Catalan philosopher, doctor and alchemist Arnold of Vilanova (1242-1311). The text teaches the tension between the ideas of the Spiritual Franciscans of the Late Middle Ages, usually linked to the thought of the Calabrian Abbot Joachim of Fiore (12th century) and the scholasticism of the Dominicans. From the contact of Arnold of Vilanova with the Aragonese Court, we have the link between three important themes for the current studies of the presence of medieval political ideas in Latin-American colonial: the Feasts of the Empire of the Divine of Luso-Brazilian tradition, the Franciscans and the Joachimites. In terms of content, the translated text summarizes the main topics covered in the works of the Catalan philosopher, including: the figurative interpretation of writing and its application to the reading of history, evangelical poverty in Franciscan discussion of using poverty (*usus pauper*) and the biblical prophecies about the end of time and the coming of the Antichrist.

¹ Profesor da Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: rossatto.dutra@gmail.com.



Keywords: Arnold of Vilanova – Franciscans – Crown of Aragon – Joachim of Fiore – Middle Ages.

ENVIADO: 22.02.2019
ACEPTADO: 17.03.2019

Introdução

Arnaldo de Vilanova (1242-1311) é conhecido como filósofo, médico, alquimista e teólogo. Ainda se disputa sobre o lugar de seu nascimento. Para alguns, ele era francês de Montpellier ou da Provença; para outros, catalão de Valência, Tarragona, Lérida ou Vilanova i Geltrú (antiga Vilanova de Cubells), de onde viria seu cognome. Dessas disputas, o que hoje parece certo é que ele era mesmo catalão, nascido no reino de Aragão, com trânsito entre Barcelona, Paris, Roma e o sul da Itália.

Seus estudos de medicina foram realizados em Barcelona, Salerno e Montpellier, sendo que nesta última cidade também cursou teologia com os dominicanos. Mas apesar de ter sido formado nos círculos escolásticos dos dominicanos, aos poucos se distancia deles a ponto de tornar-se um adversário ferrenho e incansável. Grande parte de seus escritos está dedicada à defesa de suas teses frente à escolástica, especialmente a tomasiana (por ele designada pejorativamente de *thomatista*), assumida em particular pelos dominicanos de Montpellier, da Catalunha e da Universidade de Paris de final do século XIII e início do XIV. Na luta contra o pensamento escolástico, inicialmente Arnaldo se apoia de forma direta no legado do abade Joaquim de Fiore (1162-1202) e de alguns de seus seguidores, principalmente os franciscanos espirituais, em especial o provençal Pedro João Olivi (1248-98).

Como resultado das constantes polêmicas, Arnaldo terá de se defender não só das críticas, mas das muitas tentativas de condenação de sua pessoa e obra por prática de heresia. Não obstante, a sentença condenatória de sua obra, ao que tudo indica sem muito peso eclesiástico, só virá em 1316, cinco anos após sua morte, por obra de uma comissão inquisitorial local, reunida na cidade catalã de Tarragona.

No período em que foge das inúmeras perseguições eclesiásticas, Arnaldo encontrará abrigo na corte aragonesa de Pedro III (1236-1285), com sede em Barcelona, onde exercerá o ofício de médico da casa real e, mais tarde, de chanceler e diplomata a serviço dos dois filhos do rei aragonês, Jaime II de Aragão (1267-1327) e Frederico II



da Sicília (1272-1337). É neste momento que se estabelece a ligação entre as ideias joaquimitas, o filósofo catalão, a coroa aragonesa e a portuguesa.

Foi provavelmente em Barcelona – ou talvez em Lisboa – que a rainha Isabel (1269-1336), a santa, filha de Pedro III de Aragão e esposa de Dom Dinis (1261-1325) de Portugal, entrou em contato com as ideias joaquimitas transmitidas por Arnaldo de Vilanova. Em decorrência, Isabel de Portugal criaria mais tarde a *Confraria do Espírito Santo de Alenquer* (1292), que está nas origens dos cultos e das festividades do Império do Divino, as conhecidas Festas do Divino Espírito Santo, de tradição luso-brasileira, que entre nós perduram até hoje, sobretudo nas antigas cidades coloniais (em especial, as de origem açoriana), e que muitos assinalam como uma espécie de celebração da terceira idade do Espírito do abade calabrés Joaquim de Fiore.

Também é a partir da mesma Vila de Alenquer, antigo senhorio da rainha, que será disseminado o franciscanismo espiritual em terras lusitanas. Vale lembrar que a pregação franciscana da pobreza evangélica e do advento de uma nova ordem monástica, em substituição ao clero, irá ao encontro de dois dos interesses principais das monarquias incipientes, em particular a portuguesa, a saber: o de amealhar as riquezas eclesiásticas ao nacionalizá-las e o de se apropriar dos bens das antigas ordens religiosas (como é o caso dos templários), o que estaria nas origens de uma série de conflitos entre a igreja e o estado; e ainda, o de incentivar as práticas espirituais populares que não dependessem diretamente do clero. Neste caso, as práticas religiosas estariam ao encargo de uma ordem monástica (*ordo monachorum*), que conduziria o terceiro estado do mundo, e não mais dos clérigos (*ordo clericorum*) do segundo estado.

I. Escritos médicos e espirituais

Sua *opera medica* é extensa e importante a tal ponto de ser citada como a principal da Idade Média. Não só traduziu ao latim e comentou as versões árabes dos tratados de medicina clássica, como também reformulou os manuais das escolas médicas medievais; e ainda, escreveu um tratado integral de medicina, intitulado *Breviarium practicae*, dividido em quatro volumes. De suas críticas ao peripatetismo, presente nas obras de Galeno e de Avicena, resultará a defesa da prática empírica da medicina.² No

² Ver COSTA, Ricardo da; SILVA, Matheus Corassa da. “O *Regimen sanitatis* (1308) de Arnau de Vilanova (c. 1238-1311) e sua prescrição da *boa dieta*”. In: *eHumanista 34 (2016). Journal of Iberian Studies*, p. 463-480. Encontra-se no prelo *As Regras da Saúde ao rei de Aragão* (c. 1305-1309) (*Regiment de sanitat per al rei d’Aragó*), tradução de Ricardo da Costa e Matheus Corassa da Silva.



Susana BEATRIZ VIOLANTE, Ricardo da COSTA (orgs.). *Mirabilia* 28 (2019/1)

The Medieval Aesthetics: Image and Philosophy

La Estética Medieval: Imágen y Filosofía

A Estética Medieval: Imagem e Filosofia

Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

exercício da medicina, além de servir à casa real de Aragão, como destacamos, cuidará pessoalmente da saúde dos papas Bonifácio VIII, Benedito XI e Clemente V, seu amigo pessoal, que será o primeiro papa francês a residir em Avignon. É a este último papa que Arnaldo submeterá sua obra. Porém, não vamos nos alongar mais em sua obra médica, pois está entre nossos objetivos principais tratar seus escritos espirituais (*scripta spiritualia*), como é chamada a sua obra filosófico-teológica.

A primeira fase de seus escritos espirituais se caracteriza pela franca reação ao pensamento escolástico, encarnado particularmente pelos dominicanos de seu entorno. Para tanto, lançará mão das exposições apocalípticas do abade cisterciense Joaquim de Fiore, que serão aos poucos reforçadas pelos ideais de pobreza evangélica dos franciscanos espirituais que o seguiram. No último decênio do século XIII, o filósofo catalão escreve a *Introductio in Librum Joachim 'De semine scripturarum'* (1292), seguida de uma *Allocutio super significatione nominis Tetragrammaton*, na qual explica a noção de Trindade com base no *Tetragrama* judaico.

Nesta segunda obra, além de mostrar o domínio do hebraico e da cabala, retoma um dos temas joaquimitas tratado em sua *Expositio in Apocalipse* e no *Psalterium decem chordarum*, a saber, a exposição da Trindade com base no Tetragrama IHWH, que Joaquim, por sua vez, com algumas alterações, deriva da obra do judeu-aragonês, convertido ao cristianismo, Pedro Afonso de Huesca (1062-1140). Nos anos seguintes, publicará duas obras apocalípticas ainda sob forte influência joaquimita: o *Tractatus de tempore adventus Antichristi et fine mundi* (1297) e a *Expositio super Apocalypsi* (1299). A primeira está na raiz das principais polêmicas com os dominicanos da Catalunha, do sul da França e da Universidade de Paris.

Logo depois da publicação dessas duas últimas obras, empreenderá uma viagem a Paris, como emissário de Jaime II. Sua missão era negociar com Felipe, o Formoso, a devolução de parte do território aragonês. No entanto, o episódio principal desta viagem será o fato de que, na ocasião, ante os mestres da Universidade de Paris, apresentará suas principais teses a respeito da iminente vinda do Anticristo e do fim dos tempos, contidas no seu *Tractatus de tempore adventus Antichristi et fine mundi*. Suas ideias serão rejeitadas veementemente nos círculos parisienses. Em troca, ele receberá uma série de acusações acompanhadas de processos eclesiásticos, permanecendo inclusive encarcerado por alguns dias e só saindo após pagar fiança.

Em decorrência das disputas calorosas, a segunda fase de seus escritos espirituais será marcada pelo tom apologético e pelo ataque direto aos círculos tomistas, em especial

o dos dominicanos, e o clero em geral. É deste contexto que, em 1301, surge o *De mysterio cymbalorum* (*O mistério dos címbalos*), obra em que ele tenta provar de forma ostensiva que os religiosos não interpretavam diligentemente as escrituras sagradas. Para ele, a exposição das escrituras pelos clérigos não passava de um fraco ruído de pequenos sinos, quando Deus pedia para ser louvado com címbalos retumbantes. No entanto, o que mais incomoda seus adversários não será o ataque direto e incisivo ao clero, e aos dominicanos em especial, nem as exigências de reformas eclesiais, mas o fato ter feito referência em seu texto às obscuras e enigmáticas profecias de São Cirilo, supostamente comentadas por Joaquim de Fiore. Dois anos mais tarde, publicará a *Philosophia catholica* e a *Apologia*, obras em que fala abertamente contra os bens dos clérigos e a ingerência dos bispos nos negócios temporais.

É em meio a essas querelas que Arnaldo escreve um polêmico opúsculo, dedicado a responder as inquietações de seu amigo Jacó de Albi, que tem por título *De gladius ingulans thomatistas* (*A espada que degola os tomatistas*). Neste opúsculo, ele ataca abertamente os dominicanos da Catalunha, que o taxavam de visionário e fanático, e indiretamente a escolástica em geral. Rebatendo, em especial, as acusações dos dominicanos, ele os identificará com o exército bicolor (*bicolor exercitus*), prognosticado nas profecias de São Cirilo para atuar nos últimos tempos.

Tais revelações previam o aparecimento de aves de duas cores que viriam disfarçadas de pregadores religiosos, para desqualificar as sagradas escrituras. E mais: Arnaldo lançava fortes críticas aos dominicanos por darem mais crédito ao que dizia a *Suma teológica* de Tomás de Aquino que os próprios textos bíblicos; em suma, por haverem “transformado Cristo em poeta e Tomás (de Aquino) em evangelista”.

II. A *compreensão espiritual*

Marcado por um estilo polêmico, direto e agressivo, o *De gladius ingulans thomatistas*, que traduzimos na sequência, traz a resposta de Arnaldo de Vilanova a sete das principais objeções dirigidas contra suas obras.

A primeira objeção é aquela endereçada contra o *Mistério dos címbalos* e tem como tema principal esclarecer a interpretação de termos ou expressões que indicam o tempo da vinda do Anticristo ou do fim do mundo nos textos bíblicos. Os adversários de Arnaldo objetam que, termos tais como “dia” e “ano” – e expressões como “três anos e meio” e “três dias e meio” ou mesmo o próprio número 1260, tão caro a Joaquim de Fiore –, não poderiam ser equiparados pela translação alegórica, mas, neste caso,

teriam de ser tomados em sentido próprio. Por seu lado, o filósofo catalão esclarece que nada impede que o sentido literal seja transposto para o espiritual, o que autorizaria a equiparação entre esses diferentes significantes bíblicos.

Assim, como o próprio Joaquim de Fiore já havia feito, de acordo com a analogia de proporção utilizada pelo método alegórico, poder-se-iam equivaler “dia” e “ano” (e também as expressões “três dias e meio”, “três anos e meio”, “1260 dias” (ou anos) ou, o que é o mesmo: “um tempo, dois tempos e a metade de um tempo”). Uma das chaves bíblicas que autoriza esta prática analógica é a passagem do livro do profeta Ezequiel, que indica a proporcionalidade entre dia e ano. Outra é a *Carta aos Gálatas* que diz explicitamente tratar-se de um procedimento alegórico. Ambos os tópicos bíblicos estão citados por Arnaldo. É possível também que tais regras de proporção sejam as mesmas utilizadas pelo platonismo ao admitir sem problemas a correspondência entre dia divino (Grande Ano) e ano humano. De qualquer modo, tal equiparação, com base em Ezequiel, é aceita pelo próprio Tomás de Aquino em sua *Suma teológica*.

Por isso tudo, o problema parece não residir exatamente na disputa pontual entre o uso do sentido próprio e do figurado, mas na fundamental diferença entre os métodos seguidos. Arnaldo organiza seu pensamento com base no tradicional método hermenêutico de base narrativa e perspectiva escatológica – a chamada *lectio historiae* –, ainda que esteja em um ambiente dominado pela escolástica e lance mão da argumentação silogística. A escolástica, por sua vez, se baseia na *lectio*, que toma o texto bíblico de modo fragmentado, de acordo com o interesse da *quaestio* em disputa. Com efeito, entre outras coisas, os escolásticos abandonam o binômio que suportava a tradicional leitura da história: sua base narrativa e perspectiva histórica.

A segunda objeção também visa o *Mistério dos címbalos*. De igual modo que a primeira, diz respeito ao uso de termos ou expressões bíblicas que indicam temporalidade. No entanto, ela se detém especificamente na crítica ao significado atribuído por Arnaldo ao termo “semana”, que consta numa passagem do *Gênesis* como “semana de anos”, e não “semana de dias”, conforme outros haviam interpretado, como o próprio São Jerônimo. A justificativa da interpretação arnaldiana é feita com base no duplo significado do verbo “tomar”.

O catalão esclarece: se, na frase, “passada uma semana, (Jacó) tomou Raquel como esposa”, o verbo “tomar” é sinônimo de “copular”, então seria correto entender como uma semana de dias. Mas não é esse o caso. O verbo “tomar” está utilizado em



sentido próprio e, então, o correto será admitir uma semana de anos, pois, pelo texto, se sabe que Jacó não ficou apenas sete dias na casa de seu sogro, mas alguns anos depois de “tomar Raquel como esposa”.

III. *Pobreza, profecia e fim dos tempos*

A terceira e quarta objeções estão dirigidas contra a *Philosophia catholica* e dizem respeito à compreensão da doutrina do uso pobre (*usus pauper*), formulada pelo franciscano provençal Pedro João Olivi, e aplicada de forma radical por Arnaldo. Em particular, a terceira objeção consiste em dizer que o uso pobre não pertence à substância do voto de perfeição evangélica, pois, se assim fosse, serviria mais para a condenação do que para a salvação de quem o professa, dado a dificuldade de sua prática. Arnaldo argumenta em contrário que, entendido desse modo, não haveria um estado de vida espiritual superior a outro, pois a prática da pobreza é o que possibilita distinguir os diferentes graus espirituais.

Por sua vez, a quarta objeção é decorrente da terceira: quem professa o voto de pobreza não poderá ser proprietário de alguma coisa mesmo que sem valor; e, portanto, não haveria como evitar a transgressão do voto, pois, de algum modo, sempre seremos proprietários de algo. Em resposta, Arnaldo, novamente com base na distinção entre os níveis da prática da pobreza evangélica, introduz a diferença entre usar algo sem ser proprietário do mesmo e ter propriedade sobre algo. Por fim, ele reafirmará a tese radical da incompatibilidade entre a perfeição da prática da pobreza evangélica e a posse de algum bem.

A quinta objeção tem por alvo as polêmicas e obscuras revelações do *Oraculum angelicum Cyrilli*, mencionado por Arnaldo em seu *Eulogium* (1303) como sendo uma obra “preciosa entre as palavras sagradas”. Neste texto, Arnaldo havia afirmado que Círiilo dava a conhecer vinte e uma perversidades e maldades, próprias aos falsos religiosos e pregadores que antecederiam a vinda do Anticristo, e que ele atribuía aos dominicanos. Por sua vez, os adversários objetavam que se, então, alguém não acreditasse em tais revelações, poderia ser acusado de heresia.

Arnaldo contra-argumenta dizendo que, embora essas revelações sejam “preciosas”, não queria isso dizer que elas eram “críveis” ou “aceitáveis”; e, portanto, alguém que não acreditasse em tais revelações não poderia ser imputado de heresia. E rebatia que o mesmo não ocorreria com os descrentes no cânon sagrado, entre os quais ele colocava seus adversários. De qualquer modo, o nivelamento entre as revelações

bíblicas e as de Cirilo não será de fácil defesa. Por isso, esse tema continuará sendo alvo de questionamento, sendo incluído entre os itens mais tarde condenados pela comissão inquisitorial de Tarragona.

A sexta e sétima objeções estão mescladas e dizem respeito às teses sobre a vinda do Anticristo e o final dos tempos, formuladas no *Eulogium* e na *Denúncia de Girona*. Segundo relata o texto arnaldiano, a principal tese em que se apoiavam seus adversários era a seguinte: se Deus não revelou no passado, não irá revelar no futuro. Para Arnaldo, tal tese provinha dos textos de Tomás de Aquino, que agregavam duas razões principais para desacreditar da revelação do final dos tempos. A primeira razão é que todos já estariam atentos e preparados para a vinda de Cristo; a segunda porque, até então, todos os que se arriscaram a determinar o final dos tempos acabaram falhando.

O catalão rebate as duas razões. A argumentação de que “não revelou aos que já vieram, portanto, não revelará aos que virão”, para ele, se mostra falsa porque Deus não age por necessidade de sua natureza, mas por liberdade e bondade, ao que ele acrescenta provas baseadas em passagens bíblicas e em citações do *De Trinitate* de Agostinho.

O segundo argumento, que diz: “se alguns falharam ao determinar o final dos tempos, todos falharão”, também se mostra inconsistente, pois carece de necessidade dado que o antecedente e o conseqüente estão tomados de modo equivocado. Arnaldo esclarece: se alguns falharam foi porque utilizaram princípios incorretos, o que resultou em conseqüências incorretas, e isso fez com que outros posteriormente viessem a falhar com base nesses mesmos princípios. Não obstante, ele conclui que é possível determinar o fim dos tempos a partir de princípios corretos e adequados. Com isso, reafirma sua tese geral de que é proveitoso ao fiel conhecer com antecipação o tempo da manifestação do Anticristo, e por derivação o final dos tempos, sendo imperativo que os prelados anunciem tais revelações.

Conclusão

Por fim, três breves esclarecimentos conclusivos.

Primeiro, que a tradução do *De gladius ingulans thomatista* de Arnaldo de Vilanova faz parte dos resultados das pesquisas por mim realizadas, junto ao Departamento de História da Filosofia, Estética e Filosofia da Cultura, da Universidade de Barcelona (UB), entre os anos 1997-2000, durante a realização dos estudos de doutorado, sob a



orientação do professor Francisco Fortuny, e apoio dos integrantes do Grupo de Investigação KAL (*Kosmoi, Archai, Logoi*).

Segundo que, para a presente tradução, cotejei a versão castelhana (mimeografada para uso restrito do Grupo KAL), intitulada “*La espada que degiella a los tomatistas*”, realizada pelo professor Francisco Fortuny, ao qual sou imensamente grato *in memoriam*.

Terceiro que, por motivos de adequação ao formato da presente publicação, suprimi algumas passagens do *Gladius* de Arnaldo, as quais, segundo julgo, não comprometem a compreensão geral do texto.

Fontes

- ARNALDO DE VILANOVA. *Scripta spiritualia I. Expositio super Apocalypsi*. A cura de Ioachimi Carreras i Artau. Barcelona/Bruelas: Institut D’Studis Catalans/Union Académique Internationale, 1971.
- _____. *Arnaldi de Villanova. Opera theologica omnia*, III. *Introductio in librum (Ioachim) «De semine scripturarum»*. *Allocutio super significatione nominis Tetragrammaton*. Aos cuidados de Josep Perarnau. Barcelona: Institut d’Estudis Catalans, Facultat de Teologia de Catalunya, Scuola Superiore di Studi Medievali e Francescani, 2004.
- _____. *Arnaldi de Villanova. Opera theologica omnia*, IV. *Alphabetum catholicorum ad inclitum dominum regem Aragonum profiliis erudiendis in elementis catholicae fidei. Tractatus de prudentia catholicorum scolarium*. Aos cuidados de Josep Perarnau. Barcelona: Institut d’Estudis Catalans, Facultat de Teologia de Catalunya, Scuola Superiore di Studi Medievali e Francescani, 2007.
- _____. *De gladius iugulans thomatistas*. Manuscrito da Biblioteca Apostólica Vaticana (Ms Vat. Lat. 3824), ff. 181v-192v.

Bibliografia

- COSTA, Ricardo da; SILVA, Matheus Corassa da. “O *Regimen sanitatis* (1308) de Arnau de Vilanova (c. 1238-1311) e sua prescrição da *boa dieta*”. In: [eHumanista 34 \(2016\)](#). *Journal of Iberian Studies*, p. 463-480
- EHRLE, Franz. *Arnaldo de Villanova ed i ‘thomatiste’*. *Contributo alla storia della scuola tomistica. Gregorianum*, 1, p. 475-501, 1920.
- FORTUNY, Francisco. *La filosofia d’Arnau de Vilanova*. *Anuari de la Societat Catalana de Filosofia*, III, p. 19-54, 1989 (1991).
- MENSA I VALLS, Jaume. *Les obres espirituals d’Arnau de Vilanova i la revelació de Sent Ciril (Oraculum Angelicum Cyrilli)*. *Arxiu de Textos Catalans Antics*. Barcelona: Institut d’Estudis Catalans/Facultat de Teologia de Catalunya, Vol. 28, p. 211-263, 2009.



- _____. *Arnau de Vilanova, la filosofia i la sentència condemnatòria de les seves obres (Tarragona, 1316)*. Enrahonar 42, p. 21-46, 2009.
- _____. *Arnau de Vilanova, espiritual: guia bibliogràfica*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 1994.
- _____. *¿Fue Arnau de Vilanova un profeta apocalíptico?* *Bulletin de Philosophie Médiévale*, 38, p. 125-140, 1996.
- _____. *Arnau de Vilanova*. Barcelona: Rafael Dalmau Editor, 1997a.
- _____. *Comparació entre les regles i els principis d'interpretació bíblica de les obres autèntiques d'Arnau de Vilanova, i les de l'Expositio Apocalypsis i de l'Expositio super vigesimum quartum capitulum Matthaei*. *Arxiu de Textos Catalans Antics*, 17, p. 221-294, 1997b.
- _____. *Les raons d'un anunci apocalíptic. La polèmica escatològica entre Arnau de Vilanova i els filòsofs i teòlegs professionals (1297-1305): anàlisi dels arguments i de les argumentacions*. Barcelona: Facultat de Teologia de Catalunya, 1998.
- MENSA I VALLS, Jaume; GIRALT, S. *Bibliografia arnaldiana (1994-2003)*. *Arxiu de Textos Catalans Antics*, 22, p. 665-734, 2003.
- MENSA I VALLS, Jaume; REQUESENS, J. *Arnau de Vilanova: herència de cent vint-i-cinc anys d'estudis*. *Arxiu de Textos Catalans Antics*, 25, p. 529-564, 2006.
- MENÉNDES PELAYO, Marcelino. *Historia de los heterodoxos españoles*. Madrid: La Editorial Católica, 1978.
- PERARNAU, Josep. *L'Alia informatio beguinorum d'Arnau de Vilanova*. Barcelona: Facultat de Teologia, 1978.
- _____. *El text primitiu del De mysterio cymbalorum ecclesiae d'Arnau de Vilanova. En apèndix, el seu Tractatus de tempore adventus Antichristi*. *Arxiu de Textos Catalans Antics*, 7/8, p. 7-169, 1988-1989.
- _____. *L'Apologia de versutiis atque peruersitatibus pseudotheologorum et religiosorum ad magistrum Jacobum Albi, canonicum Dignensem d'Arnau de Vilanova*. Edició i estudi; i transcripció del *Tractatus quidam in quo respondetur obiectionibus quae fiebant contra tractatum Arnaldi "De adventu Antichristi"*. *Arxiu de Textos Catalans Antics*, 20, p. 7-348, 2001a.
- _____. *Sobre la primera crisi entorn al De adventu Antichristi d'Arnau de Vilanova: París 1299-1300*. *Arxiu de Textos Catalans Antics*, 20, p. 349-402, 2001b.
- _____. *Sobre l'estructura global del De tempore adventus Antichristi d'Arnau de Vilanova*. *Arxiu de Textos Catalans Antics*, 20, p. 561-574, 2001c.
- _____. *Tres textos d'Arnau de Vilanova i un en defensa seva*. Barcelona: Facultat de Teologia de Catalunya, 2002.
- REHO, Cosimo. *La polemica di Arnaldo da Villanova contro i domenicani tomisti nel «Gladius iugulans thomatistas» (1304)*. Bari: Tesi di Laurea in Filosofia, Università degli Studi, Facoltà di Lettere e Filosofia, 1982.
- ROSSATTO, Noeli Dutra. *Hermenêutica medieval: a compreensão espiritual de Joaquim de Fiore*. *Trans/Form/Ação (UNESP. Marília)*, v. 35, p. 99-118, 2012.
- _____. *L'Abate Gioacchino e la Festa del Divino: una celebrazione luso-brasiliana dell'Età dello Spirito*. *Florensia - Bollettino del Centro Internazionale di Studi Gioachimiti*, v. 18-19, n. XVIII-XIX. San Giovanni in Fiore: Dédalo, p. 173-185, 2005.
- _____. *Joaquim de Fiore. Trindade e nova era*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- ROSSATTO, Noeli Dutra; ERICKSON, Glenn Walter. *O número 1260 em Joaquim de Fiore e nos círculos joaquimitas*. *Vivência*, v. 1, n. 1, Natal, RN, p. 89-100, 2004.
- ROSSATTO, Noeli Dutra (Org.). *O simbolismo das Festas do Divino Espírito Santo*. Santa Maria: Ufsm-Nedimidia, Fapergs, 2003.



A espada que degola os tomatistas

Arnaldo de VILANOVA³

Introdução

Começa *A espada que degola os tomatistas*, dedicada ao mestre Jacó de Albi, cónego albigense.

Prezado amigo, já que me escrevestes a propósito das diversas vezes que, após deixar essas terras, fui insultado por certo exército bicolor, cujos membros são por vós chamados com acerto de tomatistas (*thomatistas*), envio uma agudíssima espada com a qual cada um deles será decapitado.

Esta espada recebe agudeza e vigor daquela rocha do eterno e sublime monte, da qual foi tirada sem intervenção de mão alguma, e romperá as estátuas dos idólatras reduzindo-as a pó. Também, através dela, poderás ver que o juízo oculto de Deus, que não aceita disseminar simulações pestilentas, obriga-me aqui a falar claramente e a não guardar silêncio. (...)

Avancemos, pois, audaz e incessantemente, envoltos nos testemunhos das palavras sagradas, entre os perseguidores que surgem ao longo desta passagem, a saber, os falsos teólogos ou doutores, e os falsos religiosos e apóstolos que se multiplicam sob o hábito e a aparência de piedade. Todas as minhas precedentes obras estão cheias destes testemunhos, desde a *Philosophia catholica* até a *Confissão de Lérida*; mais destacadamente a *Apologia*, o *Eulogium*, a *Denúncia gerundense* e a já citada *Confissão*. Depois disso, apresso-me a entrar no assunto.

I. O sentido literal e o espiritual

Primeiro, com relação ao que me comunicastes a propósito do que objetam de o *Mistério dos címbalos*, no que ele trata do número de Daniel a respeito do tempo em que a continuidade do sacrifício foi interrompida, e as demais coisas adotadas por nós em atenção aos tempos da vinda do Anticristo.

Tudo isso parece inconveniente aos tomatistas, haja vista que a *Glosa* comum não expõe com precisão tal número, apenas os anos de perseguição, o que para nós não é

³ Tradução do texto de Arnaldo de Vilanova, *De gladius ingulans thomatistas*, Ms. Vaticanus Latinus 3824, ff. 181v-192v.

diferente. A *Glosa* diz abertamente que nos 1260 dias, isto é, três anos e meio, estão assinalados os tempos de intensa perseguição. Também acresce que o início deste período está marcado para o tempo em que a “continuidade do sacrifício”, isto é, de celebração do culto a Deus, será suprimida; e o final deste período, pelo que está escrito: “e quando colocares a abominação na desolação” (*Dn* 9, 27), isto é, até o momento em que o Anticristo assolará com a morte.

Respondeis a eles que, onde a *Glosa* ao sagrado cânon expressa apenas o sentido literal, seria inapropriado entender que ela nega o sentido espiritual ou místico, pois esta regra é alheia à escola católica. A respeito disso, melhor seria observar a regra oposta: que o exposto no sentido literal da escritura é a base e o fundamento dos demais, sendo lícito agregar outros sentidos de acordo com a honestidade da fé e as circunstâncias da letra, tal como fizemos no citado texto. De fato, ao sentido literal, que está na *Glosa*, acrescentamos o alegórico, segundo o qual por meio de “dias” estão assinalados “anos”. E bem sabeis que a alegoria concorda com as palavras sagradas, como testemunha o apóstolo (Paulo) na *Carta aos Gálatas*, quando diz de modo alegórico que “por dias (entendo) anos” (*Gál* 3,10).

Também alego novamente, a respeito do que os mesmos (tomatistas) dizem, isto é, que não está escrito na sagrada página que em lugar de dias se deve entender anos; e que o próprio Espírito Santo, para que ela fosse observada como deve, dá uma regra e exemplifica em Ezequiel (*Ez* 4,6), ao dizer: dou-te dia por ano. Além disso, alego que, como nas expressões em que Deus diz que, com apenas um olhar vê muitas coisas, é comum uma só frase ou palavra significar muitas coisas. Então, concludo: os que pretendem que pela locução sagrada seja entendida apenas uma coisa são mais insensatos que teólogos.

Por fim, os tomatistas nos perguntam, como se a elocução de Deus carecesse de mistério ou razão, se o Espírito Santo, mediante aquele número, quis expressar o tempo ou a medida da perseguição do Anticristo, porque melhor disse 1260 ao invés de três anos e meio? Pois se quisesse significar da forma mais própria e expressa, teria dito melhor desta maneira que daquela. Consequentemente, ou bem o Espírito ignorava a maneira correta de expressar, ou bem queria enganar aos ouvintes, ou ainda poderia estar querendo incluir em seu discurso alguma outra coisa. Como as duas primeiras premissas são absurdas e profanas, resta, pois, a terceira.

Por conseguinte, ou os citados (tomatistas) têm de provar que a mencionada alegoria está em desacordo com as palavras sagradas, ou que a exposição que propomos,



Susana BEATRIZ VIOLANTE, Ricardo da COSTA (orgs.). *Mirabilia 28 (2019/1)*

The Medieval Aesthetics: Image and Philosophy

La Estética Medieval: Imágen y Filosofía

A Estética Medieval: Imagem e Filosofia

Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

mediante o uso desta alegoria, é inverossímil. Ou ainda, terão de reconhecer que são dignos de riso ou ignorantes os que dizem que aquele número está restrito ao tempo da perseguição do Anticristo. De qualquer modo, terão de argumentar de modo diferente que o modo indicado pela demonstração católica. Do contrário, saberemos que seus olhos estão enfermos, seja com a enfermidade da inveja, seja com qualquer outra malícia, já que não podem tolerar o benefício da luz tal como aqueles dos quais está escrito: “iluminas admiravelmente das montanhas eternas e os de coração néscio se turbam.” Com certeza, estão impedidos por grave enfermidade aqueles que abominam a sã e católica exposição da Escritura divina. E não é menos notável a exposição que afirma que a abominação diz respeito à desolação dos fieis e de seus seguidores, que aquela que diz se referir a sua própria desolação, pois o doutor dos doutores concorda precisamente nisso com Mateus, que diz: “Quando virdes a abominação da desolação...” (*Mt 24, 15*).

II. Semana de dias ou de anos

Também me comunicais que eles objetam a propósito de que, no *Mistério dos címbalos* – em específico na parte que fala do que está escrito no *Gênesis* a respeito daquilo que se afirma de Jacó, a saber: “que aceitou com prazer e, transcorrida a semana, tomou Raquel como esposa” (*Gn 29,28*) –, expusemos falsamente como uma semana de anos, quando o texto queria indicar expressamente uma semana de dias.

A propósito, debes saber que a exposição foi feita em conformidade com o Mestre das histórias, que parece admitir que aquelas palavras se refiram a uma semana de anos, embora eu tenha observado que Jerônimo entendeu uma semana de dias, de acordo com o que se encontra normalmente na *Glosa*.

Sem nenhuma presunção de derrogar algo, afirmo que se, neste caso, o verbo “tomou” tem de ser entendido no sentido de “copulou”, então a locução se reporta mais propriamente a uma semana de dias, para que o seu significado seja o de que, passada a semana de dias, Jacó se uniu a Raquel como sua esposa, tal como expõe Jerônimo. Porém, se, naquele lugar, “tomou” for entendido em sentido próprio, tal como impõe a translação, então se compreende mais retamente tratar-se de uma semana de anos, pois Jacó não levou sua esposa Raquel consigo para a sua terra depois de uma semana de dias, mas depois de anos. É neste sentido que muitos judeus concordam com o Mestre das histórias.



Susana BEATRIZ VIOLANTE, Ricardo da COSTA (orgs.). *Mirabilia 28 (2019/1)*

The Medieval Aesthetics: Image and Philosophy

La Estética Medieval: Imágen y Filosofía

A Estética Medieval: Imagem e Filosofia

Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

Por conseguinte, dado que a autoridade, segundo sentenciam os principais autores, não diferencia entre uma e outra aceção, é sem dúvida notável que objeto de forma caluniosa e ignorante quem assegura que se alega falsamente a segunda, pois as duas são aceitas do mesmo modo.

III. Uso pobre e perfeição evangélica

Igualmente me informais que eles objetam contra o que está escrito na *Philosophia catholica*, a respeito de que, para aqueles que professam o estado de perfeição evangélica, o uso pobre pertence à substância do voto. Dizem, pois, segundo asseguram, que, se isso fosse verdadeiro, então tal estado seria pernicioso, já que seria mais motivo de condenação que de salvação. Com efeito, se o voto tem força de preceito, a sua transgressão seria causa de pecado mortal.

Antes disso, corroborais a seguinte afirmação: que no estado de perfeição evangélica, o uso pobre pertence à substância do voto, pois consta que quem professa um estado se compromete pelo voto a observar aquilo sem o qual não pode ser eminente tal estado por sua altura na vida espiritual entre os restantes, e é próprio a cada estado de vida espiritual seguir aquilo que o faz superior com relação a qualquer outro preceito.

Nenhum estado de vida pode ser mais espiritual que os restantes, sem que seja mais parco no uso das coisas que favorecem a vida corporal. Por conseguinte, quem professa que um estado é superior aos outros, está obrigado pelo voto a usar mais parcamente os suplementos temporais ou corporais que os restantes estados. De outro modo, não seria um estado superior de fato, mas apenas de palavra.

Além disso, quem se obriga pelo voto a observar qualquer virtude, como a castidade, a generosidade ou outra, está obrigado ao uso do que concerne a esta virtude, e não apenas ao hábito. E isso não é válido apenas porque, por razão do voto assumido, não se possui o hábito da virtude, adquirido unicamente pelo uso, mas também porque a virtude, que é um hábito da mente, inclusive quando adquirida pelos atos ou o uso, não pode ser conservada sem o uso e os atos. De tal modo, quem se obriga a conservar a castidade e não se atém a um uso casto, invalida de fato sua obrigação, pois o uso oposto à castidade introduz hábito contrário.

Semelhante raciocínio vale para o caso da pobreza evangélica, pois quem professa o voto de segui-la, está diretamente obrigado ao uso da pobreza, embora aceitando que

o uso pobre não esteja expresso na forma do voto. Deste modo, todo aquele que professa o estado evangélico, está obrigado, pelo voto, ao uso pobre.

E isso não decorre apenas do citado grau de vida espiritual, mas também em razão da finalidade do estado apostólico, que é a de elevar o próximo ao mais alto quanto seja possível na vida espiritual. Tal intento é alcançado, primeira e principalmente, pelo modo exemplar de viver; secundariamente, pela palavra doutrinal.

Por isso, no lugar em que está expresso o que corresponde ao ofício apostólico, primeiramente o Senhor afirma de modo explícito: “Vós sois o sal da terra” (*Mt 5, 13*). E em seguida agrega: “Vós sois a luz do mundo” (*Mt 5, 14*). Novamente aqui a mesma ordem das palavras não carece de mistério ou razão. O Senhor por tais palavras assinala que os seres apostólicos devem apresentar, primeiro e acima de tudo, um exemplo de vida espiritual aprovado por Deus, aos que têm outro estado de vida. Secundariamente, ilumina com a palavra doutrinal a verdade da notícia, tanto o que tem de ser feito, quanto o que deve ser acreditado, como ainda o que deve ser contemplado, e assim por diante.

De igual modo, os homens apostólicos estão unidos a Deus não só para que ressuscitem os mortos, limpem os leprosos e expulsem os demônios, mas também para que curem os enfermos. Eles não poderão curar em qualquer estado, sem que atenuem com o uso de calmantes a vida corporal dos demais estados. Assim declara de modo primoroso o Apóstolo aos Coríntios, especialmente quando diz: “Castigo duramente meu corpo e o reduzo à servidão, para não acontecer que, depois de ter proclamada a mensagem aos outros, eu mesmo seja reprovado” (*I Cor 9, 27*).

Além disso, se, por seu estado, algumas pessoas deverão ensinar aquelas coisas pelas quais os fiéis poderão ser elevados à sublimidade da vida espiritual, e não o fizerem, então seu estado não será mais alto que o das demais. Ou melhor, elas desceriam ao grau mais ínfimo, tal como fica patente na sentença proferida pelo Senhor em Mateus (*Mt 5, 19*), em que diz que a quem for dado ensinar os mandamentos, tal como requer o teor dos mesmos, e não o fizer, será chamado o menor no reino dos céus. É com justiça que se diz, já que quem faz o contrário do que ensina, com mais eficácia destrói que constrói, pois os exemplos movem com mais eficácia que as palavras; assim, será maior a conta de quem destrói a doutrina com suas obras. Em consequência, o Apóstolo, na *Epístola a Tito*, julga que serão abominados por Deus e réprobos aqueles que, pelos atos, não pelas palavras, negarem a verdade, pois, pelos atos se nega com mais eficiência a verdade que pelas palavras.



IV. A perfeição é incompatível com a posse

Agora convém responder a seguinte objeção: se não podemos evitar a transgressão do voto no uso das coisas temporais, sem dúvida alguma o mesmo seria a causa de perdição para os que o assumiram. Porém, é falso dizer que não se pode evitar (a transgressão), como é evidente em todos os gêneros do uso da pobreza.

O primeiro gênero é aquele que renuncia a propriedade da coisa, de tal modo que aquilo que se usa para fomento da vida presente não é posse sua por qualquer direito de propriedade. Tal uso pobre é essencial para o estado daqueles que fizeram o voto de pobreza evangélica ou de perfeição, já que, sem tal uso, é impossível que ela exista. Deste modo, se alguém que fez voto quer ser proprietário de alguma coisa, inclusive mínima, tal como uma agulha ou linha, transgredirá o voto. No entanto, essa transgressão pode ser evitada com facilidade, tendo em vista que nenhuma necessidade inevitável obriga a usar com verdadeira propriedade alguma coisa. De onde, como é impossível ao homem existir sem alma e corpo, igualmente é impossível que alguém seja pobre com evangélica ou apostólica perfeição se possui alguma coisa.

O outro gênero é o uso pobre no qual não só se prescinde da propriedade, mas da própria excelência das coisas, tal como não usar vestes preciosas ou mantos pomposos e seus similares. Este uso, para os que fizeram votos de evangélica perfeição, não é essencial, mas accidental, já que, sem isso, quem fez voto pode conservar íntegra a pobreza evangélica, como ocorre quando por urgente necessidade se bebe em uma taça preciosa ou se usa uma roupa preciosa, sobre as quais reconhece não ter nenhum direito de propriedade.

Contudo, o uso pobre, pelo qual devem ser evitadas tais coisas preciosas e pomposas, é essencial para o estado citado, do mesmo modo que os pés ou as mãos são essenciais ao homem, pois, embora possamos existir sem eles, não poderemos ser chamados íntegros ou perfeitos. Assim, tampouco o estado de perfeição evangélica é completo sem o uso pobre pelo qual as coisas preciosas e pomposas são evitadas regularmente. De onde, se os que fizeram votos quiserem usá-las regularmente fora do caso de necessidade contingente, então isso seria por voluptuosidade e não por necessidade; e, portanto, eles se converteriam em transgressores do voto, já que sem dúvida alguma poderiam ter evitado.

É evidente a consequência de tudo o que foi dito: a transgressão do voto não é impossível aos que professaram viver a pobreza evangélica. Com efeito, o uso pobre

das coisas temporais não está determinado ou restrito como algo indivisível. Inclusive, tem grande amplitude segundo a diversidade dos lugares e dos tempos, e também das pessoas. Por isso, o meio ou medida da pobreza de vida não é o mesmo entre os setentrionais e os meridionais, no inverno e no verão, no jovem e no ancião, no fleumático e no colérico, e nos casos similares. Por conseguinte, como não é impossível observar o uso pobre em semelhantes condições, resulta que a obrigação à observância do voto de pobreza não é causa de condenação para os que o professaram.

Porém, se alguém disser que é difícil, respondi que ainda são mais difíceis os outros estados, pois, de outra forma seu estado em particular não seria mais sublime que os demais na perfeição da vida espiritual. Quem quiser, pelo espírito, viver de modo mais sublime, terá de fazer as coisas mais difíceis e as manter; e, conseqüentemente, terá que vigiar com mais diligência o exercício espiritual para evitar o excesso e a transgressão, pois é mediante isso que se conserva a sublimidade e a glória de um estado, a saber, perseguir voluntariamente as coisas mais difíceis e ocupar-se do exercício espiritual correspondente mais que os demais estados.

E se alguém se vangloriar de estar num estado mais sublime e se negar ou recusar a submeter-se ou a obrigar-se à execução do que é mais difícil, ou a observância do mesmo, sem dúvida alguma testemunha querer distanciar-se do número e consórcio daqueles que desejam o nome e o louvor destas virtudes, pois, por razão do corpo, da mente ou da corrupção dos costumes, não executa obra virtuosa. É como aquele que quer ingressar na milícia, mas se recusa aos trabalhos militares. A propósito diz o Apóstolo (II Tim 2,5): “só será coroado aquele que lutar segundo as regras”. (...)

V. As revelações de São Cirilo

De maneira semelhante, quando mordem o *Eulogium*, na parte onde diz que as revelações concedidas pelo Beato Cirilo são preciosas entre as palavras sagradas, não vos turbe quando eles dizem que estas coisas estão expressas de modo inconveniente, porque se alguém não crê nas revelações anteditas, não será condenado como herege. No entanto, se for incrédulo a respeito das palavras do cânon sagrado, será tomado como tal. A respeito disso, afirma Agostinho no IV (Livro) do *De Trinitate*: “Assim como ninguém é soberbo contra a razão, da mesma forma ninguém é fiel ou cristão contra as sagradas escrituras, ou católico contra a igreja”.



Susana BEATRIZ VIOLANTE, Ricardo da COSTA (orgs.). *Mirabilia 28 (2019/1)*

The Medieval Aesthetics: Image and Philosophy

La Estética Medieval: Imágen y Filosofía

A Estética Medieval: Imagem e Filosofia

Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

Apesar disso, foi anunciado oportunamente que, com efeito, um é o conceito de “precioso” e outra a razão de “aceitável” e de “autêntico”, como uma coisa é ser “crível” e outra ser “certo”. O bálsamo é mais precioso que o vinho, contudo o vinho é mais comumente aceitável e mais autêntico ou aprovado. De igual modo, é mais certo que a menor das estrelas visíveis do céu é maior que toda a terra, já que é demonstrável pela razão; contudo, o oposto é mais acreditado.

Vós conheceis perfeitamente esta diferença estabelecida pelo Beato Cirilo em sua *Epístola*, ao afirmar que a palavra revelada e enviada pelo próprio Senhor tem de ser mais clara para todos os fiéis que todas as outras escrituras sagradas, não em razão do que contém, pois uma e outra contêm a verdade divina, senão em razão do modo em que está contida. De forma efetiva, a revelação foi escrita no céu e, pelo Imortal, foi entregue e enviada à igreja militante; não obstante, a escritura que tem o nome de *Bíblia*, foi escrita na terra pelos mortais. E em sinal de que é mais preciosa que as restantes escrituras, não foi enviada em pergaminhos, mas em tábuas de prata. Por conseguinte, quando dissemos que é mais preciosa que as restantes, não estamos assegurando que, por isso, seja mais crível. Se disséssemos que a *Epístola* que o Senhor Jesus Cristo escreveu ao rei dos agarenos é mais preciosa que o conjunto das *Escrituras* do volume sagrado, não erraríamos, mas nem por isso demonstraríamos que é mais crível que as restantes. Pois, como dissemos, uma é a razão de “precioso” ou “caro”, outra a de “crível”.

VI. O tempo do Anticristo

Afirmamos também que alguns, trêmulos e torcendo os lábios, murmuram contra aquelas palavras nas quais asseguro que, para os católicos, é proveitoso conhecer com antecipação o tempo da manifestação do Anticristo e, por conseguinte, convém que os prelados o anunciem.

A respeito das murmurações de que os fiéis não podem conhecer antecipadamente o final dos tempos, asseguramos também que não dão outra razão que não seja aquela de que, segundo dizem, foi dogmatizado pelos doutores sagrados e por aqueles que, conforme proclamam, resplandecem como o sol na igreja de Deus. De igual modo dizem, falando de maneira absoluta, que por “final dos tempos” entendem tão somente o dia e a hora do juízo ou da morte. Contudo, por via de consequência, aí está incluído o tempo do Anticristo, pois, tal como argumentam, se o tempo do Anticristo está próximo ao dia do juízo, conhecendo antecipadamente o tempo do



Anticristo, conheceremos com antecipação a aproximação daquele dia que eles asseguram não ser conveniente saber.

Por tudo isso, tal como relatais, eles agregam que eu fantasiei duas coisas que, no *Eulogium* e na *Denúncia*, estão formuladas de maneira clara. Uma delas é que se no passado não foi revelado o final dos tempos aos eleitos, o mesmo deveria ser revelado no futuro. A outra é certamente aquela mencionada no *Eulogium*: que Agostinho, no *De trinitate*, disse que o Pai revelou aos eleitos o que havia deixado sob seu poder. No entanto, uma vez mais, não vos turbe nem espante os seus delírios, pois, já aprendestes que se um cego conduz outro cego, ambos cairão na fossa. Do mesmo modo, aprenderéis em seu momento que tal pai, tal filho; e tal mestre, tal discípulo.

Vejo com bons olhos que denominais tomatistas aos que seguem a opinião de Tomás, o qual é adorado fervorosamente por muitos como um célebre ídolo. Ele sentenciou de maneira absoluta que, nem por revelação, os fiéis vão conhecer antecipadamente os tempos finais, ao que dá duas razões. A primeira é porque não é conveniente para eles, já que assim, segundo diz, estariam todos atentos e preparados para a vinda de Cristo. A segunda razão é a seguinte: é constatável aos olhos do vulgo que todos aqueles que, pela fantasia, se arriscaram a determinar o final dos tempos, acabaram sendo desmascarados como falsos e embusteiros.

A tentativa de confirmar estas razões com base nas palavras de Agostinho é deficiente, pois, tal como declaramos claramente nas obras anteriores, sobretudo no *Mistério dos címbalos* e na *Denúncia de Girona*, (os tomatistas) seguem aquele que eles têm como príncipe, e que supõem que o mesmo leu todas as Escrituras e conheceu todas as coisas como se fosse Deus. Portanto, eles não consideram verdadeiro, nem correto o que possa ser contrário às suas sentenças.

Porém, já que o tempo para calar é escasso, escutais os filhos da verdade e nunca esqueçais que, tal como expliquei no *Eulogium*, nosso Senhor Jesus Cristo mandou que os discípulos anunciassem a aproximação do final dos tempos. Ele próprio apresentou os sinais aos fiéis e exortou a refletir sobre tal aproximação, quando disse (Mt 24, 33): “Por conseguinte, quando virdes todas essas coisas, ficai sabendo que o fim já está próximo.”

Do mesmo modo que manifestou os sinais através dos quais reconheceríamos que está próximo o final dos tempos, e entre eles está enumerada a perseguição do Anticristo, conseqüentemente inferimos daí que Cristo dogmatizou que é conveniente



para seus fiéis conhecer por antecipação a proximidade (do fim dos tempos). Quem, apesar disso, assegura o contrário, abertamente se opõe a Cristo. Que é especialmente conveniente para a igreja conhecer por antecipação o tempo da perseguição do Anticristo, mostra tanto a razão católica quanto a humana, ao não deixar dúvida que o conhecimento prévio do tempo da perseguição de alguém é proveitoso como prognóstico para aquele que a vai sofrer; e tal como declaramos nas mencionadas obras, é igualmente evidente e proveitoso para a igreja o conhecimento prévio, pois é objeto de anúncio por parte do Espírito Santo e de Daniel, e disso é testemunho o Senhor em Mateus e o Apóstolo em *Tessalonicenses*. (...)

VI. O fim dos tempos

Nenhum católico ignora que a Sagrada Escritura com “fim” assinala o Anticristo e com “cabeça de família” o prelado ou governador dos fiéis. Em consequência, quando diz manifestamente que se o pai de família conhecesse a que hora viria o ladrão, não permitiria invadir sua casa, sem dúvida alguma testemunha que, para a custódia da casa de Deus, que é a totalidade dos fiéis, conforme diz o Apóstolo, é útil que o prelado tenha informação prévia da hora ou do tempo no qual chegará o ladrão. E aí, então, devemos tomar “hora” por “todo o tempo da perseguição”, de acordo com a *Primeira Epístola de João*, capítulo dois, que diz: “É a hora final”. E o mesmo (João) não deixou de atestar o quanto era útil para a igreja ter a informação prévia daquele tempo ao conceder claramente que, com isso, o prelado se faz mais vigilante para que a casa de Deus não seja tomada pelo ladrão, arruinando o fundamento da fé.

Por conseguinte, que julguem os adversários se Cristo e a Igreja estão sujeitos a algum doutor mais esclarecido e que temos de crer mais nele a respeito destes temas. Está escrito: “Pois nosso Deus não é como seus deuses”, posto que o nosso é sempre veraz, e nossos inimigos são os juízes, pois também entre os fiéis acaba sendo ímpio e profano fazer de Cristo um poeta e de Tomás um evangelista. Porém, dado que surgiu certo doutor que proclamava que ninguém tinha o poder de revelar o final dos tempos, é preciso observar, pois, em primeiro lugar, qual é o argumento que ele usa. Se ele pretendesse argumentar “a ninguém dos que já vieram revelou e, em consequência, não revelará aos que virão”, tal conclusão parece ridícula. De fato, carece de qualquer necessidade, pois a revelação não depende de causas naturais ou humanas, senão da graça de Deus. Logo, se quisermos dizer “não revelou aos que já vieram e, em consequência, não revelará aos que virão”, na escola católica tal consequência não parecerá menos ridícula, já que Deus não revela algo por



necessidade de sua natureza, senão quando quer e quando entende que é conveniente, pela pura liberdade de sua bondade e sapientíssima providência.

A respeito disso, com certeza, diz o Senhor em João (*Jo* 16, 12): “tenho ainda muitas coisas para vos falar, porém não podeis suportá-las agora”, etc. De modo correto, a glosa da expressão “não os corresponde”, e as restantes coisas que estão ditas, manifesta também a infantilidade da argumentação “se não o revelou antes, portanto não o revelará depois”. Não diz “não será” (revelado), mas “não é” (revelado), inclusive notando que são débeis e, portanto, não idôneos para guardar um segredo. E para não deixar dúvida, continua sobre o mesmo tema: “porém, recebereis a força”; e agrega o restante: “se não podeis pela debilidade da carne, podereis pela força do Espírito Santo”.

Precisamente o mesmo foi testemunhado por Santo Agostinho no *De Trinitate*, como alegamos em forma de sentença no *Eulogium*. Porém, já que os tomatistas, segundo dizeis, nos caluniam por difundir falsidades, apesar de saberem que nossos textos foram submetidos aos juízes da igreja, julgamos ser conveniente inserir aqui, literalmente, sobre este tema, as próprias palavras de Agostinho, para mostrar nossa inocência. Diz o Livro I (XII,13) do *De Trinitate*: “Enquanto Deus, tudo o que tem o Pai, tem o Filho (...); enquanto humano, confessa que sua doutrina não é sua, senão daquele que lhe enviou, e diz (Mt 24, 36): ‘Quanto ao dia e a hora (do juízo), ninguém conhece, nem os anjos do céu, nem mesmo o Filho, mas somente o Pai’. Ignora o que não quer dar a conhecer, quer dizer, ele não sabia no momento para comunicar aos seus discípulos. Assim foi dito a Abraão: ‘Agora sei que temes a Deus’, isto é, agora já o conheces, pois, provado na tentação, permanece o temor patente. Também Cristo se propõe revelar este segredo aos seus discípulos em um momento oportuno, conforme insinuam aquelas palavras em que ele fala do futuro na forma do tempo passado, e diz (*Jo*, 15,15): ‘Já não vos chamo servos, senão amigos, porque o servo não sabe o que faz o seu Senhor; porém, vos chamo amigos porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai’. Porém, como ainda não havia feito, e com certeza haveria de fazer, falou como se já se houvesse cumprido, pois lhes disse: ‘tenho muitas coisas a vos dizer, porém não podeis suportá-las agora’, entre as quais se inclui o dia e a hora.” Até aqui vai Agostinho.

Pelo que dissemos, é patente também para os iletrados que Agostinho testemunha que Deus certamente haveria de revelar no futuro aquelas coisas que não revelou no passado; e a propósito, testemunha manifestamente que o dia e a hora, cujo conhecimento Deus Pai tem em seu poder, com certeza haveria de ser revelado aos



Susana BEATRIZ VIOLANTE, Ricardo da COSTA (orgs.). *Mirabilia 28 (2019/1)*

The Medieval Aesthetics: Image and Philosophy

La Estética Medieval: Imágen y Filosofía

A Estética Medieval: Imagem e Filosofia

Jan-Jun 2019/ISSN 1676-5818

escolhidos no tempo oportuno, tal como alegamos no *Eulogium*. E assim fica provado que não se afirma falsamente, pois a verdade alegada depende tanto da palavra do que foi alegado como das coisas alegadas.

Também é evidente que contradiz as escrituras canônicas e sacras quem afirma que não serão reveladas no futuro as coisas que não foram reveladas no passado. E argumentaria infantilmente quem tentasse dizer: “se não revelou o final dos tempos aos apóstolos ou à santa Virgem, portanto, tampouco revelará a outros”. Tal consequência é duplamente nula na tradição católica. Primeiro, porque pressupõe algo falso ao dizer que aqueles tempos não serão revelados aos acima citados, pois, se não foram revelados no dia da ascensão, permanece a promessa de que serão revelados pouco depois, como está manifesto no que foi dito antes e como afirmam as escrituras dos apóstolos. Segundo, porque, supondo que não seriam revelados a eles, não seguiria disso que não seriam revelados aos pequeninos, conforme declaramos de modo suficiente na *Apologia*, com base nos textos sagrados, a saber, “semelhantermente revela que...” E ainda, a glosa da *Carta aos Tessalonicenses*: “não queirais extinguir o espírito”, etc, assegura que Deus, que abriu a boca do asno, frequentemente revela o que é melhor aos pequenos.

Porém, se talvez, de acordo com a finalidade do modo de falar, quiserem fazer a seguinte inferência: “todos os que até hoje fixaram o final dos tempos se equivocaram, por conseguinte, também todos quantos o determinarem agora”, inclusive os principiantes em filosofia, é imediatamente evidente que esta inferência carece de toda necessidade se o antecedente e o consequente são tomados de modo equivocado.

Com efeito, se alguns falharam foi porque determinaram o final dos tempos por meio de princípios incertos, e não através dos que se mostram necessários nos acontecimentos; e, ao contrário, aqueles que o determinam depois, usam um princípio necessário como é a revelação divina, então não se seguiria: “todos os que até hoje fixaram o final dos tempos se equivocaram”. Contudo, se aqueles que determinam mais tarde usam os princípios dos anteriores, os quais se equivocaram, ou outros semelhantes princípios, então não concluiriam retamente. Não obstante, os que argumentam deste modo não provam que os que se equivocaram procederam de acordo com a revelação divina, ou que os posteriores não devessem ser regulados por ela. É, então, evidente que na ciência sagrada tergiversam aqueles que se detêm em semelhantes argumentos. E não parece menos certo que a cegueira do mencionado



doutor resulta do fundamento sobre o qual ele se apoia, ao afirmar que não é conveniente que se conheça antecipadamente os tempos finais. (...)

Da exaltação excessiva de um mestre e da Filosofia

Também fica claro mediante o que dissemos a respeito de quem é a estrela que, conforme narrais, os tomatistas exaltam de maneira sublime. Consta que o mesmo não contou com as propriedades do sol, pois, como vimos, contrariava o dogma do sol verdadeiro ao dogmatizar contra a sentença dos santos e contra o puro sentido das palavras sagradas, como vemos nas palavras citadas anteriormente e como já declaramos. Contudo, como é que ele iluminou o caminho do filosofar com muitos raios de sua filosofia? Quem lhe poderá negar o nome e o lugar de estrela? Pois ele, que ao perverter os mencionados dogmas deixou à margem da verdade sagrada a inumerável multidão de seguidores, não pode ser assimilado propriamente a outra estrela que não aquela que o Espírito Santo descreve através de João, quando anuncia as adversidades futuras da igreja. João, no capítulo nove do *Apocalipse*, disse que viu quando caía do céu uma estrela. Aqui, como no dogma aludido, caiu da sublimidade da verdade divina até a terra, isto é, em um opaco e tenebroso conceito, sumamente rude. E “foi-lhe dada a chave do poço do Abismo” (*Ap* 9,1), isto é, foi-lhe dado conhecer com perspicácia as profundidades inferiores, a saber, a filosofia mundana. E ele “abriu o poço do Abismo” (*Ap* 9,2), isto é, manifestou a profundidade das escrituras filosóficas; e “a fumaça saiu do poço”, pois seu estilo fez chegar ao mais sublime da igreja as sutilezas tenebrosas e inúteis da filosofia.

Na sequência (João) agrega: “e o sol se escureceu”, pois, devido ao estudo da filosofia, a verdade de Cristo é simplesmente entenebrecida, não só porque desde então seus sequazes tenderam menos ao conhecimento mediante a piedade, pela qual brilha o sol eterno, senão porque depois de sua doutrina se dedicaram menos ao estudo do texto sagrado e dos primeiros doutores sagrados. Com efeito, pensam, como vós mesmo escreveis, que aquele doutor sabia tudo e ensinava tudo em suas obras. Por esta razão, seduzidos por sua própria confiança e presunção, foram convertidos em alienados, como pestilentos animais adversários da verdade.

E devido a isso, segue-se imediatamente depois: “e da fumaça do poço espalharam-se gafanhotos por toda a terra” (*Ap* 9, 3), pois surgiram na igreja pregadores pestilentos e perversos com curiosidade filosófica. A propósito, comenta a *Glosa* que os perversos doutores da igreja são chamados de gafanhotos porque não voam até o céu pela



contemplação caritativa, nem ascendem pela ação caritativa, mas saltam caoticamente pelo estudo das perversidades.

Ao fim de tudo, podeis imaginar de que modo o inimigo ressemeou com cizânia o trigo do Salvador. Sob a aparência de boa fé, com efeito, apartou os fiéis do estudo do texto sagrado, fazendo com que os mesmos, mediante sutilezas filosóficas, resultassem mais plenamente em vergonha para os heréticos. E levou os fiéis a buscar com curiosidade os encantos daquela mulher da qual o Espírito Santo exorta a fugir, quando falava em *Provérbios IX*: “mulher insensata e espalhafatosa”, até o final do capítulo, assegurando que quem dela se afasta estará salvo.

Quantas coisas, pois, as Sagradas palavras profetizam dos mencionados gafanhotos, que extensamente oferecemos nas obras citadas acima. Também, quando afirmavas que o exército bicolor te insultava por minha culpa, mostravas o sentido da revelação de Cirilo naquele ponto em que anunciava que viria à igreja uma ave de duas cores, a qual no transcurso dos tempos converteria aquelas pérolas dos Padres, ouvidas na infância, em estrume com moscas e em pó da terra. Tal como diz o *Salmo*: “estão envelhecidos e se afastaram de seus caminhos”. Por isso, certamente predizemos ali que tal ave terá de ser pisoteada pelos homens até o extermínio.

Que a ti ilustrem, fortifiquem e confirmem a verdade, a paz e a graça de nosso Deus em Cristo. Amém.

Conclusão do documento notarial

Final de *A espada que degola os tomatistas*. Graças sejam dadas a Deus. Segunda denúncia feita em Marselha, com comentários. Em nome de nosso Deus. Amém. Ano mil trezentos e três da Encarnação, no dia vinte e cinco de fevereiro, na hora terça. Conheçam todos, tanto os presentes como os futuros, que o venerável mestre Arnaldo de Vilanova, pela graça de Deus, (registra) no capítulo de Marselha, ante o reverendo padre e senhor Durando, a mim como notário e os restantes testemunhos anotados abaixo.